

# Luz e Desaparição

Gonçalo M. Tavares

<http://goncalomtavares.blogspot.com>

Para onde vai a luz quando se apaga? A própria pergunta pressupõe uma caminhada, uma coisa que deixa de ser coisa porque tem intenção, vontade; dirige-se não é dirigida.

Várias hipóteses de formas ou percursos do desaparecimento da luz.

1. **Queda** – a luz desaparece porque cai. Isto é, dirige-se para o chão a grande velocidade; queda: movimento não controlado em direcção ao chão.
2. **Descida** – como quem desce degraus; controla por completo o ritmo, a velocidade. No limite: alguém que pode voltar atrás: descia, mas agora subo. Descida: movimento controlado em direcção ao chão, ao baixo. Estou cada vez mais perto do fundo mas é para o fundo que quero ir. Digamos que a descida é uma queda consciente, uma queda a que se tirou velocidade; quando desço mando mais no corpo que o mundo, quando caio manda mais o mundo.

Entre as possibilidades 1. e 2. a opção é clara: a luz (para já, a artificial) não domina o seu desaparecimento. Se desaparece em direcção ao solo ou ao fundo, só o fará por **queda**.

Então para a pergunta: para onde vai a luz quando se apaga?, eis a 1.<sup>a</sup> resposta possível: *a luz vai para o fundo, caindo*.

Mas poderemos pôr ainda a hipótese (mantendo o eixo, e no sentido oposto): *a luz desaparece por cima*. Vai para cima. E à palavra fundo poderemos contrapor a palavra céu.

No entanto, um e outro limite produzem consequências bem distintas. Sentimos o ruído de um corpo a bater no fundo, mesmo que esse corpo seja a luz. Enquanto, pelo contrário, é difícil conceber o ruído de algo que bate no céu. Concebemos assim uma parte baixa do mundo com um limite concreto; vemos nele matéria que se opõe, que se torna

um obstáculo à continuação de um movimento: daqui não podes descer mais, *chegaste ao fundo*. Porém, lá para cima, por respeito ou ignorância, a miopia aumenta. Não concebemos um limite concreto, material, que diga a algo em ascensão: *daqui não passas, chegaste ao limite do céu*. Mesmo que a ciência nos discursse ou segrede fórmulas e explicações para um homem vivo a percepção é esta: o baixo tem chão, tem solo, o alto não; não há tecto. O movimento para baixo tem um fim, o movimento para cima, não. Como se, exploradores, tivéssemos explorado já, por inteiro, o caminho que vai do sítio onde estamos vivos até ao fundo do mundo; o caminho inverso, esse, ainda está como que a meio. Já tocámos o fundo do chão – já o sentimos: dói; mas nunca tocámos o topo do céu: ainda não sentimos essa dor. (E que dor será essa? Ou poderemos pensar em prazer? O choque do corpo que bate no topo do céu.) Atentemos ainda noutra hipótese.

3. **Ascensão** - a luz desaparece dirigindo-se para cima, e é nesse movimento (de subida jamais terminada) que é surpreendida com um chamado para regressar.

Aqui a ascensão corresponderá à descida de que anteriormente falámos.

Não falamos em sensação de queda em direcção ao céu precisamente porque não há sensação de tecto. Digamos que na ascensão há sempre uma percepção mínima de que controlamos o nosso movimento, mesmo que sendo puxados.

Imaginemos, por exemplo, um homem que subitamente é puxado para cima à mesma velocidade e à mesma variação de velocidade de um outro homem que cai. Pois bem, por instinto do pensamento diremos que a sensação de uma queda que cai será sempre mais temível que a sensação de uma queda que sobe.

Mas será mesmo? A queda que sobe, continuemos a utilizar esta expressão, sendo interminável, isto é, sem tempo, poderá afinal ser mais angustiante. Na queda que cai há um final, há um tempo que reconhecemos; na queda que sobe,

ao invés, o tempo já não tem um rosto humano, entraríamos num tempo monstruoso; talvez próximo de um aspecto que Deleuze associa à indiferença: “o nada negro, o animal indeterminado em que tudo é dissolvido”. Na queda que cai, morremos; na queda que sobe, provavelmente, desapareceremos dissolvidos numa coisa mais ampla.

Para onde vai a luz quando se apaga? 2.<sup>a</sup> resposta possível: *a luz sobe, dissolvendo-se*. Ou: *a luz vai para o céu, dissolvendo-se*. Ou ainda: *dissolvendo-se, a luz vai para o céu*.

Mas para além do movimento ascendente ou descendente a luz poderá desaparecer de duas maneiras:

1. **por implosão**
2. **por explosão**

1. a luz pode desaparecer por **implosão** se num único instante se concentrar num ponto de tal modo mínimo que esse ponto deixe de ser ponto e passe a ser nada. O desaparecimento da luz por implosão é a sua concentração súbita no nada
2. a luz pode desaparecer por meio de uma **explosão** – explosão de tal forma intensa que faça com que cada uma das partículas originais, num único instante, se afaste de tal modo do ponto de origem que depois nada no espaço original guarde memória do que antes ali estava.

O desaparecimento por implosão transmite uma sensação de maior controlo, o sítio para onde a coisa vai (neste caso, a luz) é um sítio determinado geograficamente, é localizável. O desaparecimento por explosão, ao contrário, transmite a sensação de falta de controlo, a sensação de que será difícil voltar a localizar cada um dos fragmentos que resultaram da explosão.

Parece, à primeira vista, mais fácil recuperar a luz que implodiu do que a luz que explodiu.

Tal como parece mais fácil, aliás, recuperar a luz que caiu em direcção ao fundo do que a que subiu em direcção ao céu.

Estamos pois face a uma decisão importante que passa pelo cruzamento de quatro, chamemos-lhe assim, movimentos, ou formas de desaparecer: **queda, ascensão, implosão, explosão**.

Se considerarmos que mandamos na luz, isto é, que a controlamos, que sabemos para onde vai quando desaparece; se temos a certeza onde ela se esconde e por isso sentimos que a podemos, a qualquer momento, voltar a chamar, então o apropriado é considerarmos o movimento de desaparecimento da luz como uma **queda implosiva**: *a luz cai toda para um ponto, desaparecendo*. Se a quiser de novo, só terei de ir, a esse ponto, buscá-la.

Se considerarmos que não mandamos na luz, que a luz é uma entidade autónoma, incontrolável, então o cruzamento apropriado é aquele que considera o movimento de desaparecimento da luz como uma **ascensão explosiva**; a luz sobe ao mesmo tempo em direcção a uma infinidade de pontos, desaparecendo. Como a recuperar? Como fazer aparecer, à nossa ordem, o que desapareceu numa infinidade de sítios dos quais não temos mapa? Eis a luz indócil, a luz que não é objecto dos humanos.

Conhecemos duas luzes: a luz feita pelo homem (artificial) e a luz que não é feita pelo homem (natural). Respondendo de modo concreto e assertivo à questão que nos obrigou a escrever – para onde vai a luz quando se apaga? — eu diria que a luz feita pelo homem, por uma queda implosiva, cai para um ponto único; e que a luz que não é feita pelo homem, por uma ascensão explosiva, sobe em direcção a uma infinidade de pontos do céu. E assim duas luzes desaparecem.

*Por opção pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.*



**Gonçalo M. Tavares**, escritor português, nasceu em 1970. Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, peças radiofónicas, curtas metragens e objectos de artes plásticas, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas, etc. Estão em curso cerca de 290 traduções em trinta e cinco línguas, com edição em quarenta e seis países. É um autor vastamente reconhecido em Portugal e no estrangeiro, tendo os seus livros recebido alguns dos mais importantes prémios literários nacionais e internacionais.